

# Vamos todos morrer: o legado da transmissão da História através do Humor

**Calileu Courtier: practice of science in the culture of absolutism**

António Ribeiro<sup>1</sup>

## Resumo

Quando a linguagem humorística versa sobre temáticas históricas, tradicionalmente encaradas com uma dose de seriedade adicional, pode representar um elemento-chave no processo do despertar da curiosidade do leitor sobre a História. O presente artigo procura estabelecer um diálogo entre os conceitos de História e Humor, a partir do programa de rádio português, *Vamos todos morrer*, da autoria de Hugo van der Ding, que esteve no ar entre abril de 2019 e dezembro de 2024. Procedeu-se à análise de várias edições do programa de rádio e dos respetivos textos publicados em dois livros distintos (2021 e 2023). Esta análise foi posteriormente complementada com

## Abstract

When humorous language deals with historical topics that are traditionally treated with an extra dose of seriousness, it can be a key element in the process of awakening the reader's curiosity about history. This article seeks to establish a dialogue between the concepts of history and humour, based on the Portuguese radio programme *Vamos todos morrer* (We're all going to die) by Hugo van der Ding, which was broadcast between April 2019 and December 2024. Several editions of the radio programme were analysed, as well as the texts published in two different books (2021 and 2023). This analysis was later complemented by a written interview with the author of

---

<sup>1</sup>Doutorando na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

uma entrevista por escrito realizada ao autor da rubrica radiofónica, em outubro de 2024. O *Vamos todos morrer*, enquanto simples programa de rádio, conseguiu desafiar o seu alcance e criar um público que procura os registos escritos do programa em livro e alimenta uma digressão de dois anos de espetáculos ao vivo. Uma comunidade cada vez mais atenta, que assume um papel mais ativo ao longo da vida do programa, e que se desdobra em novos pontos de entrada para o conhecimento. Gerou-se assim, ainda que de forma inconsciente, um fenómeno particular de construção comunitária da história.

**Palavras-chave:** História; Humor; *Vamos todos morrer*; biografias históricas; rádio.

the radio programme in October 2024. *Vamos todos morrer*, as a simple radio programme, has managed to challenge its reach and create an audience that seeks out the written record of the programme in book form and feeds a two-year tour of live shows. A community that is increasingly attentive, taking a more active role throughout the life of the programme and developing new access points to knowledge. This has created, albeit unconsciously, a particular phenomenon of community construction of history.

**Keywords:** History; humour; *Vamos todos morrer*; historical biographies; radio.

Tradicionalmente, a história é encarada como uma disciplina séria que não recorre ao humor na construção da sua narrativa. No entanto, o humor sempre fez da história um dos seus alvos prediletos. Ambrose Bierce, um dos escritores norte-americanos mais influentes e prolíficos na viragem do século XIX para o século XX, ficou indelevelmente notabilizado pelas suas peças de jornalismo de guerra e contos de ficção realista, assinando obras que contribuíram para o enriquecimento do Realismo Americano. Pese embora o registo rigoroso e literário presente em boa parte do seu legado literário, Ambrose Bierce revelava igualmente uma faceta

satírica amplamente reconhecida. No livro *O Dicionário do Diabo*, publicado originalmente em 1906, Ambrose Bierce aplicou uma fórmula simples constituída por palavras comuns seguidas de definições humorísticas e satíricas<sup>2</sup>. Neste dicionário podemos encontrar as seguintes definições de *história* e de *historiador*:

História: um relato, na maior parte das vezes falso, de acontecimentos sem importância, provocados por governantes, na maior parte dos casos, tolos, e por soldados, na maior parte dos casos, tolos<sup>3</sup>;

Historiador: Um mexeriqueiro de grande calibre<sup>4</sup>.

Ainda assim, Ambrose Bierce distancia-se o suficiente da sua voz e encontra espaço nas suas páginas para incluir a definição de *humorista*:

Humorista: Uma praga que teria amolecido a austeridade do coração do Faraó e o teria persuadido a despedir Israel com os seus melhores votos, de forma rápida<sup>5</sup>.

O exemplo de Bierce pretende demonstrar que mesmo um jornalista reconhecidamente rigoroso e competente, um contador de histórias ímpar na literatura universal, pode satirizar a História, ou qualquer outro assunto reputado genericamente como sério, sem propriamente o descredibilizar. Mais do que isso, a escrita humorística pode representar um elemento-chave no processo do despertar da curiosidade do leitor sobre a História, por exemplo. Um verdadeiro aliado.

O presente artigo procura estabelecer um diálogo entre os conceitos de História e Humor, tendo como ponto de partida e principal objeto de análise o programa de rádio português *Vamos todos morrer*, da autoria do humorista Hugo van der Ding. O programa esteve no ar entre 3 de abril de 2019 e 13 de dezembro de 2024, perfazendo um total de 1260 episódios. Em termos metodológicos, procedeu-se à análise de várias edições do programa de rádio e dos respetivos textos publicados em dois livros distintos (2021 e 2023). Esta análise foi posteriormente complementada com uma entrevista por escrito realizada ao autor da rubrica radiofónica, em outubro de 2024. Estruturalmente falando, o artigo começa por introduzir conceitos teóricos

---

<sup>2</sup> MORRIS, Roy. *Ambrose Bierce: Alone in Bad Company*. Oxford University Press, 1998.

<sup>3</sup> BIERCE, Ambrose. *The devil's dictionary*. Wordsworth Editions, 1996. p. 62.

<sup>4</sup> Ibidem p. 61.

<sup>5</sup> Ibidem p. 64.

basilares da disciplina da História, apontando para as formas de construção das suas narrativas. Depois avança para a discussão sobre a abordagem de olharmos para a História através do Humor, com destaque para o trabalho de Twark (2017). Segue-se uma breve contextualização histórica do programa de rádio, *Vamos todos morrer*, devidamente enquadrada no panorama português. A parte final do artigo coloca em evidência as informações e conclusões recolhidas através da análise do programa e da entrevista realizada ao autor.

### História e narrativa

Se entendemos a narrativa como um relato minucioso de um facto, acontecimento ou sequência de eventos, então o conceito de História configura uma narrativa na sua forma. Isto porque, na História, a narrativa é o que controla o fluxo seriado do tempo para uma compreensão inteligível e significativa. Porém, as construções narrativas necessárias ao conhecimento histórico não são, elas próprias, suscetíveis de verificação como o são os factos discretos<sup>6</sup>.

Segundo White (2013), qualquer dado ou facto pode ser representado de forma variada, de acordo com o significado que o historiador lhe queira dar. Assim sendo, a demonstração de que um determinado conjunto de acontecimentos pode ser representado como uma comédia defende implicitamente a possibilidade de o representar com igual plausibilidade como uma tragédia, um romance, uma farsa, uma epopeia, etc<sup>7</sup>. A História revela-se, portanto, incapaz de se dissociar da sua essência narrativa, e até literária, pois não consegue separar-se de si própria. Os aspetos literários ou ficcionais da escrita histórica não devem ser considerados meras características superficiais, pois fazem eles próprios parte da procura da verdade e ajudam a fornecer explicações, desempenhando um papel na forma como os historiadores sugerem o que aconteceu, como e porquê. Mais interessante do que traçar e corrigir em permanência as voláteis fronteiras entre a ficção e a história, é o exercício de identificar intersecções, cruzamentos, empréstimos, influências e imbricações em que tanto a história como a ficção se encontram e que são parte constitutiva da longa história da escrita histórica<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> PARTNER, Nancy; FOOT, Sarah. "Foundations: Theoretical frameworks for knowledge of the past". In *The SAGE Handbook of Historical Theory*. Los Angeles: SAGE, 2013, pp. 1-8. p. 2.

<sup>7</sup> WHITE, Hayden. *The fiction of narrative: Essays on history, literature, and theory, 1957–2007*. JHU Press, 2010. p. 232.

<sup>8</sup> CURTHOYS, Ann; DOCKER, John. "The boundaries of history and fiction". In: FOOT, Sarah; PARTNER, Nancy (eds.). *The Sage handbook of historical theory*. Los Angeles: SAGE, 2013, pp. 202-220. p. 203.

Vejamos o exemplo da biografia histórica, género que se adequa ao objeto de estudo em evidência neste artigo. A biografia é sempre uma forma de narrativa contingente, que tem um apelo particular numa altura em que o interesse histórico se estende para além do nacional e mesmo do imperial, para o transnacional e o global. O interesse histórico na produção de biografias reflete um interesse renovado pela narrativa e o reconhecimento do valor e da importância das histórias como forma de descrever e explicar o passado<sup>9</sup>. Podemos imaginar um discurso histórico de cariz biográfico sobre uma dada personalidade a começar com o seu nascimento e a terminar na data da sua morte, ou então oferecendo uma contextualização familiar e temporal mais ampla. Contudo, não existe verdadeiramente uma razão para que um segmento da vida de um indivíduo não possa ser representado de forma coerente sem se enquadrar necessariamente em termos de nascimento e morte. A lógica interna de uma história não é a lógica dos factos narrados, mas a da forma estética utilizada. Contar uma história é, portanto, uma ficcionalização, o que não significa que os factos ou acontecimentos sejam inventados, mas que o sentido e o significado que lhes é dado pela forma da história são necessariamente alusivos a um produto ficcional<sup>10</sup>.

### **História através do Humor**

De modo a dar o devido e exigido pontapé de saída à tarefa de conceptualização teórica do humor, é justo recorrer ao trabalho de Bremmer & Roodenburs (1997), autores que encaram o humor como «qualquer mensagem — expressa por atos, palavras, escritos, imagens ou músicas — cuja intenção é a de provocar o riso ou um sorriso»<sup>11</sup>.

Minois (2003) chega a arriscar uma divisão da história do humor em três grandes períodos temporais: o riso divino, que nasce na Antiguidade, é ligado ao sagrado e à criação e tem a sua origem nos deuses, que dessa forma manifestam o seu poder e superioridade; o riso diabólico, conotado negativamente pelo cristianismo por ser coisa do demónio e visto como subversivo e uma ameaça à ordem social; o riso humano, que deriva do pensamento moderno e

---

<sup>9</sup> CAINE, Barbara. *Biography and history*. Bloomsbury Publishing, 2018. p. 124.

<sup>10</sup> DORAN, Robert. “The work of Hayden White I: Mimesis, figuration and the writing of history”. In: FOOT, Sarah; PARTNER, Nancy (eds.). *The Sage handbook of historical theory*. Los Angeles: SAGE, 2013, pp. 106-118. p. 110.

<sup>11</sup> BREMMER, Jan; ROODENBURS, Herman. *Uma História Cultural do Humor*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997. p. 8.

recupera o seu valor enquanto característica intrínseca de uma humanidade capaz de reconhecer as suas fissuras ideológicas<sup>12</sup>.

Hoje, quando nos debruçamos sobre o conceito de humor, deixámos de olhar para o riso como algo totalmente inconciliável com a racionalidade do Homem moderno. O que é irracional e involuntário perfila-se como fundamental para ir mais longe no pensamento<sup>13</sup>. Por outro lado, assistimos a um fenómeno de «alfabetização do riso» que ocorreu em todo o mundo na sequência do progresso tecnológico, responsável por dismantelar completamente as inúmeras crenças absurdas que existiam em torno de todos os tipos de riso. Desta forma, o riso em todo o mundo conseguiu gradualmente ocupar espaços que antes eram dominados por uma intensa escuridão intelectual e um regime de melancolia social absoluta<sup>14</sup>.

Como devemos então encarar uma narrativa histórica traçada com recurso ao humor? Twark (2017) explica que a investigação empírica recente sobre o humor e a memória atesta o facto de as pessoas se lembrarem melhor quando percebem que uma palavra, frase ou imagem é humorística. Mais do que isso, essas mesmas investigações demonstram como estes géneros criativos não só criticam acontecimentos e figuras políticas, mas também preservam, num formato cultural sofisticado, a memória de trabalho quotidiana a curto prazo dos seus leitores e a memória cultural a longo prazo do preconceito, da subjugação e do assassinio em massa<sup>15</sup>. Nesse sentido, são cada vez mais os historiadores dos diversos domínios da política, da literatura e dos estudos culturais a defender de forma convincente que as obras de arte humorísticas e satíricas, os cartoons e os romances gráficos devem ser considerados historicamente relevantes<sup>16</sup>.

No trabalho de McKinney (2013), por exemplo, que se centra na reconstrução das identidades nacionais e étnicas francesas na banda desenhada, em reação à descolonização, o autor argumenta que as referências históricas na banda desenhada fornecem muitas vezes um fino verniz de verosimilhança histórica a ficções cujo principal objetivo é distrair. Estas referências que piscam o olho a narrativas históricas estabelecidas ajudam assim a criar um

---

<sup>12</sup> MINOIS, Gabriel. *História do Riso e do Escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003. pp. 445-447.

<sup>13</sup> ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. p. 204.

<sup>14</sup> ALMEIDA, Abílio. *A cultural history of laughter*. New York: Routledge, 2025. p. 93.

<sup>15</sup> TWARK, Jill E. "Approaching History as Cultural Memory Through Humour, Satire, Comics and Graphic Novels". *Contemporary European History*, 26.1, 2017, pp. 175-187. p. 1.

<sup>16</sup> TWARK, Jill E. "Approaching History as Cultural Memory Through Humour, Satire, Comics and Graphic Novels". *Contemporary European History*, 26.1, 2017, pp. 175-187. p. 12.

‘efeito de história’, fenómeno equiparado ao ‘efeito de realidade’ teorizado por Roland Barthes a respeito da literatura de ficção<sup>17</sup>.

Tendo em consideração que o objeto de estudo do presente artigo foca-se em biografias históricas, vale a pena mencionar, ainda que de forma passageira, as seculares coletâneas humorísticas de epitáfios. Tratam-se de verdadeiros objetos de culto, dotados de uma relevância cultural incontestável.

Um dos exemplos mais reconhecidos universalmente desta ligação entre a história e o humor é, sem dúvida, o *Monty Python*. O grupo de comédia de origem britânica popularizou-se nas décadas de 1970 e 1980 e conseguiu influenciar toda uma geração com os seus sketches humorísticos. Embora não abordassem exclusivamente temáticas históricas no seu trabalho, tornaram-se fontes primárias de conhecimento em diversas disciplinas, incluindo a história. Cogan & Massey (2014) garantem que tudo o que sempre precisaram de saber sobre “história, arte, poesia, comunismo, filosofia, meios de comunicação, nascimento, morte, religião, literatura, latim, travestis, botânica, francês, sistemas de classes, mitologia, bater em peixes e muito mais”, aprenderam através do *Monty Python*.

Os membros do *Monty Python* assumiram desde sempre uma postura crítica face à história, bastante evidente nas suas produções. O grupo emergiu num período em que tanto a literatura como a história, temas que tinham sido analisados com rigor durante anos, estavam agora a ser revistos à medida que a nova crítica se ia afirmando no meio académico. Sabiam que a história não era fiável e que deveria ser constantemente alvo de revisão e reapreciação. Perceberam que não precisavam de ser fiéis à história para a representar. Consequentemente, tinham a liberdade de olhar para a história não como se fosse um passado distante, mas como um presente contínuo, povoado de anacronismos e figuras históricas que, em muitos aspetos, refletiam atitudes e formas de pensar modernas<sup>18</sup>.

Algumas décadas mais tarde, no programa de rádio *Vamos todos morrer*, o autor Hugo van der Ding faz menção de separar deliberadamente os seus textos e programas da disciplina da

---

<sup>17</sup> MCKINNEY, Mark. *Redrawing French Empire in Comics*. Columbus, OH: Ohio State University Press, 2013. p. 20.

<sup>18</sup> COGAN, Brian; MASSEY, Jeff. *Everything I Ever Needed to Know about \_ \* I Learned from Monty Python: history, Art, Poetry, Communism, Philosophy, the Media, Birth, Death, Religion, Literature, Latin, Transvestites, Botany, the French, Class Systems, Mythology, Fish Slapping, and Many More!*. Macmillan, 2014. pp. 94-97.

História. O autor escreve na *Introdução* dos dois livros publicados com os textos do programa que não pretende criar um livro de história<sup>1920</sup>. Ao mesmo tempo que brinca sem complexos com a história, disciplina que carrega uma aura séria e austera, Hugo van der Ding revela ter extrema consideração pela investigação histórica. O humorista admite não ter criado este programa para desafiar propriamente a história enquanto elemento de poder, mas simplesmente com o intuito de aprender com as histórias de vida dos outros e de poder partilhá-las com o público:

“Na verdade, essa insistência em separar o meu trabalho (quer na rádio, quer depois escrito em pedra nos livros) tem dois motivos. O primeiro, o respeito pelo trabalho científico de quem é historiador. O estudo da História é uma ciência, como o é a termodinâmica. Mas, ao contrário da termodinâmica, em que não passaria pela cabeça de ninguém que não fosse físico escrever um livro sobre o assunto, o mundo está cheio de livros de História escritos por pessoas que não têm formação em História. E é desse lado que o meu trabalho deve estar. Assim, fica o aviso à navegação. Não uso necessariamente um método científico, posso consultar fontes pop, ou escolher as que me interessam mais para contar uma boa história, etc. O segundo motivo, é que me dá a liberdade menos rigorosa de ter opiniões, de fazer extrapolações<sup>21</sup>.”

### ***Vamos todos morrer***

O programa de rádio *Vamos todos morrer* estreou a 3 de abril de 2019 e despediu-se do público a 13 de dezembro de 2024, altura em que atingiu a marca dos 1260 episódios. Era emitido na Antena 3, de segunda a sexta-feira, pelas 8h30, com interrupção para férias no mês de agosto. Desenhado originalmente e dirigido por Hugo van der Ding, pseudónimo do humorista e cartoonista português Hugo Sousa Tavares, o programa contou igualmente com a participação de radialistas da Antena 3. A sua crescente popularidade ao longo dos anos conduziu a diversos desdobramentos do próprio formato. Desde logo, a publicação dos livros, *Vamos todos morrer* (2021) e *Vamos todos morrer outra vez* (2023), que reúnem largas dezenas de textos do programa. Hugo van der Ding também ingressou numa verdadeira digressão pelo país com alguns dos seus colegas radialistas. Durante dois anos fizeram dezenas de espetáculos ao vivo,

<sup>19</sup> DING, Hugo van der. *Vamos todos morrer: biografias breves de gente que já lá está*. Objectiva, 2021.

<sup>20</sup> idem. *Vamos todos morrer outra vez*. Oficina do Livro, 2023.

<sup>21</sup> DING, Hugo van der. *Entrevista*. 14 outubro 2024. Apêndice.



tendo por base o formato original da rubrica radiofónica, mas adaptando-a à cidade onde se encontravam. Apresentavam biografias históricas de personalidades relacionadas com a cidade, convidavam figuras como agentes funerários, biólogos ou médicos legistas, e até tinham momentos de música ao vivo. O sucesso destes espetáculos faz com que hoje, Hugo van der Ding, ainda faça performances semelhantes a título individual, numa menor escala, especialmente para empresas ou organizações.

Ao acompanharmos o percurso traçado pelo *Vamos todos morrer*, torna-se demais evidente o fascínio que Hugo van der Ding nutre pela história, realidade que o próprio atesta, embora nunca se tenha consubstanciado a nível académico:

“É uma paixão de criança, alimentada por muitos adultos à minha volta, e nascida do fascínio que tenho pelo caminho que fizemos como espécie, de cima de um ramo de uma árvore ao topo da Torre Petronas em Kuala Lumpur. Nas biografias e na morte em particular, fascina-me olhar para aqueles que, no meio de muitos milhões que já passaram por cá, deixaram marca tal que, como escreveu o Camões, “se vão da lei da morte libertando”. Academicamente, frequentei o curso de História por um ano em duas vezes distintas. Deixei a meio por falta de tempo<sup>22</sup>.”

Quando pensamos na relação entre a história e o humor no cenário português, o exemplo mais emblemático remonta ao final da década de 1980, com o popularíssimo programa de televisão, *Humor de perdição*. Assinado por Herman José, um dos nomes mais relevantes da história do humor nacional, este programa emitido na estação pública, RTP, continha um segmento habitual intitulado *Entrevistas Históricas*. Como o título indica, o momento humorístico consistia em entrevistas a figuras históricas nacionais e internacionais, interpretadas por Herman José. Em certas edições, o programa chegou a ter sete milhões de espetadores, mas ainda assim, acabaria por ser cancelado pelo conselho de gerência do canal a três semanas do fim, após reunião com a Assembleia da República. Aparentemente, o programa atentava contra os valores histórico-culturais de Portugal<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> DING, Hugo van der. *Entrevista*. 14 outubro 2024. Apêndice.

<sup>23</sup> RTP 50 ANOS. (n.d.). Disponível em:

<https://museu.rtp.pt/livro/50Anos/Livro/DecadaDe80/ProducaoNacionalUmaApostaGanha/Pag8/default.htm>

Serve este parêntesis para lembrar que, por vezes, brincar com figuras históricas do imaginário nacional pode muito bem despertar reações menos positivas do público, e sobretudo daqueles que têm a capacidade de silenciar. Até então, o programa *Vamos todos morrer* não registou reverberações negativas substanciais:

“Que eu saiba, houve apenas uma queixa à provedora da RTP. Parece que eu disse num programa que os pastorinhos de Fátima estariam em cogumelos. A provedora respondeu que a frase estava dentro da minha liberdade de expressão e de opinião<sup>24</sup>.”

### Breve análise do programa

Ainda antes de mergulharmos nos episódios do programa, é importante fazer referência ao pseudónimo Hugo van der Ding, que tem direito à sua própria biografia nas duas coletâneas publicadas em livro. Em ambos os exercícios biográficos, o autor leva a cabo uma espécie de paramnésia para efeitos humorísticos, distorcendo alguns eventos da sua vida e confabulando outros. Como veremos mais à frente, misturar informações verdadeiras com factóides inventados é uma técnica que Ding utiliza frequentemente nos seus programas. Dada a intenção pedagógica do *Vamos todos morrer*, a ironia, o sarcasmo e outras formas de humor utilizadas nesta mescla têm de ser naturalmente regradas, de modo a não conduzir a uma eventual desinformação da audiência e, conseqüentemente, a um completo desvirtuamento do propósito original do autor. Contudo, quando se trata da biografia do próprio pseudónimo, a importância do risco da desinformação dilui-se e surge um convite deliberado à confusão de um leitor mais desatento:

“Estudou no Colégio de São João de Brito, em Cochim, e foi depois secretário pessoal do bispo da mesma cidade, Joseph Kureethara. Nos jardins da diocese, apaixonou-se por Botânica e trabalhou como desenhador científico para a Universidade Estadual de Kerala. Fascinado com a presença portuguesa em Cochim, e com as figuras que por lá passaram – de Camões a Vasco da Gama, de São João de Brito a Afonso de Albuquerque – compra um bilhete de avião só de ida e aterriza em Lisboa, em 2010. Depois de descobrir que todas estas figuras já tinham morrido havia vários séculos, entrega-se ao álcool e às corridas de cavalos<sup>25</sup>.”

---

<sup>24</sup> DING, Hugo van der. *Entrevista*. 14 outubro 2024. Apêndice.

<sup>25</sup> DING, Hugo van der. *Vamos todos morrer outra vez*. Oficina do Livro, 2023.

A partir da leitura dos textos publicados em livro do *Vamos todos morrer* e da escuta das respetivas edições do programa<sup>26</sup>, verifica-se que este manteve a sua estrutura tradicional por mais de 1200 episódios. Aliás, esta inferência acabou por ser confirmada pelo próprio autor na entrevista realizada. A rubrica radiofónica tinha uma duração aproximada de 15 minutos. As personalidades históricas escolhidas para cada episódio tinham por base a sua data de falecimento, ou seja, no dia em que o episódio era emitido assinalava-se sempre o aniversário do falecimento da figura visada.

Enquanto forma de biografia histórica, o programa apresenta-nos invariavelmente uma estrutura clássica e linear, em que a narrativa nos conduz desde o nascimento até à morte do biografado. Porém, ao longo desta jornada, o autor mistura informações historicamente relevantes com informações ostensivamente erradas, absurdas e, até, ultrajantes, em busca do efeito cómico. Atentemos no exemplo da alemã Bertha Benz, protagonista da primeira viagem automobilística da história:

“Quando começou a ser dia, as pessoas iam-se juntando para ver aquela imagem do demónio, uma mulher e dois rapazes a andar numa carruagem sem cavalos [...] Até que, a meio da viagem, se acabou o combustível. Bertha pensou, “ó diabo”. Mas logo teve outra das suas brilhantes ideias. Procurou uma drogaria e pediu vinte litros de gasolina, que era usada para tirar nódoas. O homem, olhando-lhe para o vestido todo sujo de lama, respondeu-lhe, “Minha senhora, ainda assim, acho que meio litro chega”<sup>27</sup>.

Importante assinalar ainda a natural diferença entre os textos publicados e as emissões do *Vamos todos morrer*. Os textos servem de guião para os diferentes episódios e ponto de partida para a versão radiofónica, que ganha uma nova dimensão com os múltiplos apartes, trocadilhos, improvisos e apontamentos humorísticos realizados por Hugo van der Ding e os seus colegas radialistas. Muitos destes aditamentos espontâneos acabaram por virar comentários recorrentes, como por exemplo, dizer com penar irónico “Tão novo” sempre que é revelada a idade com que faleceu o protagonista do programa, ou então ridicularizar a terra onde o visado nasceu. Cada

---

<sup>26</sup> "Vamos Todos Morrer". RTP Play. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p5661/vamos-todos-morrer>

<sup>27</sup> DING, Hugo van der. *Vamos todos morrer outra vez*. Oficina do Livro, 2023. p. 199.

episódio também merece uma trilha sonora própria relacionada com a biografia em questão, reproduzida ao longo do programa.

Os apartes improvisados dos radialistas envolvidos no programa são momentos característicos do *Vamos todos morrer* e brotam inesperadamente ao longo do episódio. São comentários muitas vezes afrontosos face à história de vida da personalidade visada, questionando gratuitamente a sua moralidade, ou então apenas observações *non-sense*. Vejamos o seguinte exemplo retirado do episódio dedicado à famosa agiota portuguesa, Dona Branca:

Hugo: É engraçado pensar que alguém que nasceu nos anos 1890, ainda pode ter visto passar o Rei D. Carlos. Tinha seis anos quando mataram o Rei D. Carlos. Tinha oito anos aquando da Implantação da República.

Joana: Se calhar até eram amigos e foram tomar um cafezinho.

Hugo: Se calhar foi ela. Nunca se chegou a perceber bem.

Joana: Com uma AK42 ou uma AK44. “Dom Carlos, não faz sentido estar vivo”<sup>28</sup>.

Outro fenómeno identificado ao escutar diferentes episódios do *Vamos todos morrer* é a proporcionalidade variável que existe entre comentários humorísticos e conteúdo histórico expositivo. Embora a sua quantificação seja uma tarefa hercúlea, torna-se notório que certos episódios que abordam histórias de vida mais funestas (ou até as mais cativantes), perdem espaço para a tentativa de comicidade. Um bom exemplo desta observação é o episódio que tem como protagonista o antigo futebolista e jornalista português, Cândido de Oliveira<sup>29</sup>. Apesar de alguns apartes e trocadilhos no arranque do episódio, à medida que Hugo van der Ding vai partilhando informações sobre a notável consciência social de Cândido de Oliveira, os seus feitos futebolísticos, o seu papel enquanto espião na Segunda Guerra Mundial, o período trágico que viveu na colónia penal do Tarrafal, e as circunstâncias que conduziram ao seu falecimento inesperado, deixa de haver espaço para a inserção de momentos humorísticos. Apesar de terem uma estrutura e guiões semelhantes, os episódios vão se transformando e adquirindo novos ritmos e tons ao longo da sua gravação. Por vezes, o humor é colocado temporariamente de lado, em prol da valorosa oportunidade de contar uma boa história.

---

<sup>28</sup> “Vamos todos morrer: Dona Branca”. *RTP Play*. 3 abril 2023. Disponível em:

<https://www.rtp.pt/play/p5661/e682707/vamos-todos-morrer>

<sup>29</sup> “Vamos todos morrer: Cândido de Oliveira”. *RTP Play*. 23 junho 2023. Disponível em:

<https://www.rtp.pt/play/p5661/e699503/vamos-todos-morrer>

Quanto à forma de pesquisa para os programas, trata-se de um processo com muitos pontos de contacto com aquilo que entendemos como uma abordagem investigativa histórica tradicional. De acordo com o que o autor confidenciou na entrevista realizada, o recurso a muitas fontes tidas como tradicionais, leituras exaustivas e um rigoroso cruzamento de informações, entre outros aspectos, acabam por denotar não apenas a existência de formas de pesquisa semelhantes, mas demonstram sobretudo uma preocupação do autor em respeitar o rigor histórico. Por outro lado, o autor manifesta abertamente a sua intenção de buscar em permanência, através dos seus programas, uma representatividade histórica possível. Não encara somente questões de género, mas procura igualmente resgatar as histórias de outros “grupos e identidades tradicionalmente ignorados”<sup>30</sup>. Face à impossibilidade de construir uma representatividade histórica absolutamente justa, Hugo van der Ding explica na entrevista de que maneira tem vindo a articular a sua tentativa. Inicialmente começou por “construir uma *espinha dorsal* da História, com as figuras mais proeminentes, tendencialmente homens e europeus”, mas acabou por saltar para “figuras menos ou nada conhecidas”<sup>31</sup>. No episódio dedicado ao pescador português, Gabriel Ançã, por exemplo, podemos identificar claramente a manifestação desta perspetiva crítica da história, sem prescindir do humor:

“Nós trazemos aqui muitos heróis, e a história dos heróis, na maior parte da História dos países, é feita dos guerreiros e dos Reis e dessas porcarias todas. Mas, às vezes, temos também heróis que fazem parte desse outro grupo de pessoas e que se distingue tanto ou mais do que os poderosos. Vamos lá a isso! Até vou escolher assim uma coisa épica, em *Bambi*, porque é uma história mesmo linda”<sup>32</sup>.

### O legado da partilha histórica

“Estes programas sobre figuras da história, têm pelo menos, um merecimento: levam o telespetador a ir ver se aquilo era verdade”<sup>33</sup>. Palavras de José Hermano Saraiva, ex-Ministro da Educação e um dos nomes mais proeminentes na divulgação da história e cultura portuguesas, a

<sup>30</sup> DING, Hugo van der. *Entrevista*. 14 outubro 2024. Apêndice.

<sup>31</sup> Ibidem.

<sup>32</sup> “Vamos todos morrer: Gabriel Ançã”. *RTP Play*. 23 fevereiro 2024. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p5661/e750130/vamos-todos-morrer>

<sup>33</sup> “Herman José - Prof. José Hermano Saraiva comenta Entrevista Histórica a D. Sebastião”. *HermanJoseChannel*. 30 outubro 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u-gTzyZ204g>

propósito dos conteúdos televisivos produzidos pelo humorista previamente citado, Herman José. Esta máxima aplica-se genericamente a qualquer tipo de exercício mediático que leva a história até ao público através do humor, incluindo aquele sobre o qual me debruço no presente artigo.

O *Vamos todos morrer*, enquanto simples programa de rádio, conseguiu desafiar o seu alcance e criar um público que procura os registos escritos do programa em livro e alimenta uma digressão de dois anos de espetáculos ao vivo, isto só para citar os fenómenos mais evidentes. Uma comunidade cada vez mais atenta, em que podemos encontrar inúmeros professores de história que utilizam o *Vamos todos morrer* nas suas aulas<sup>34</sup>. Desta forma, o autor espoletou a geração de verdadeiros “pontos de entrada” para o conhecimento<sup>35</sup>. Além disso, a própria comunidade de ouvintes começou a assumir um papel mais ativo na produção do programa, à medida que o *Vamos todos morrer* ia trilhando o seu caminho. Hugo van der Ding começou a receber cada vez mais sugestões de falecidos que não são tão fáceis de encontrar nas páginas tradicionais da história, acatando muitas dessas propostas. Iniciou-se assim uma espécie de construção comunitária da história que, embora tenha sido gerada inconscientemente, respeita a intenção original de Hugo van der Ding quando arrancou com o programa: “aprender histórias e partilhá-las com os outros”<sup>36</sup>.

---

<sup>34</sup> DING, Hugo van der. *Entrevista*. 14 outubro 2024. Apêndice.

<sup>35</sup> COUDANNES, Mariela Aguirre. "De la universidad a la escuela con humor: una propuesta de materiales alternativos para la enseñanza de la historia". *Clio & Asociados*, (11), 2007, pp. 42-54. p. 42.

<sup>36</sup> DING, Hugo van der. *Entrevista*. 14 outubro 2024. Apêndice.

### Referências

- ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- ALMEIDA, Abílio. *A cultural history of laughter*. New York: Routledge, 2025.
- BIERCE, Ambrose. *The devil's dictionary*. Wordsworth Editions, 1996.
- BREMMER, Jan; ROODENBURS, Herman. *Uma História Cultural do Humor*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1997.
- CAINE, Barbara. *Biography and history*. Bloomsbury Publishing, 2018.
- COGAN, Brian; MASSEY, Jeff. *Everything I Ever Needed to Know about \_\* I Learned from Monty Python: history, Art, Poetry, Communism, Philosophy, the Media, Birth, Death, Religion, Literature, Latin, Transvestites, Botany, the French, Class Systems, Mythology, Fish Slapping, and Many More!*. Macmillan, 2014.
- COUDANNES, Mariela Aguirre. "De la universidad a la escuela con humor: una propuesta de materiales alternativos para la enseñanza de la historia". *Clío & Asociados*, (11), 2007, pp. 42-54.
- CURTHOYS, Ann; DOCKER, John. "The boundaries of history and fiction". In: FOOT, Sarah; PARTNER, Nancy (eds.). *The Sage handbook of historical theory*. Los Angeles: SAGE, 2013, pp. 202-220.

DING, Hugo van der. *Vamos todos morrer: biografias breves de gente que já lá está*. Objectiva, 2021.

DING, Hugo van der. *Vamos todos morrer outra vez*. Oficina do Livro, 2023.

DING, Hugo van der. *Entrevista*. 14 outubro 2024. Apêndice.

DORAN, Robert. "The work of Hayden White I: Mimesis, figuration and the writing of history". In: FOOT, Sarah; PARTNER, Nancy (eds.). *The Sage handbook of historical theory*. Los Angeles: SAGE, 2013, pp. 106-118.

"Herman José - Prof. José Hermano Saraiva comenta Entrevista Histórica a D. Sebastião". *HermanJoseChannel*. 30 outubro 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u-gTzyZ204g>

MCKINNEY, Mark. *Redrawing French Empire in Comics*. Columbus, OH: Ohio State University Press, 2013.

MINOIS, Gabriel. *História do Riso e do Escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MORRIS, Roy. *Ambrose Bierce: Alone in Bad Company*. Oxford University Press, 1998.

PARTNER, Nancy; FOOT, Sarah. "Foundations: Theoretical frameworks for knowledge of the past". In *The SAGE Handbook of Historical Theory*. Los Angeles: SAGE, 2013, pp. 1-8.

RTP 50 ANOS. (n. d.). Disponível em:

<https://museu.rtp.pt/livro/50Anos/Livro/DecadaDe80/ProducaoNacionalUmaApostaGanha/Pag8/default.htm>

TWARK, Jill E. "Approaching History as Cultural Memory Through Humour, Satire, Comics and Graphic Novels". *Contemporary European History*, 26.1, 2017, pp. 175-187.

"Vamos todos morrer". *RTP Play*. Disponível em:

<https://www.rtp.pt/play/p5661/vamos-todos-morrer>

"Vamos todos morrer: Cândido de Oliveira". *RTP Play*. 23 junho 2023. Disponível em:

<https://www.rtp.pt/play/p5661/e699503/vamos-todos-morrer>



“Vamos todos morrer: Dona Branca”. *RTP Play*. 3 abril 2023. Disponível em:

<https://www.rtp.pt/play/p5661/e682707/vamos-todos-morrer>

“Vamos todos morrer: Gabriel Ançã”. *RTP Play*. 23 fevereiro 2024. Disponível em:

<https://www.rtp.pt/play/p5661/e750130/vamos-todos-morrer>

WHITE, Hayden. *The fiction of narrative: Essays on history, literature, and theory, 1957–2007*. JHU Press, 2010.

## Apêndice

Entrevista realizada por escrito a Hugo van der Ding, a 14 de outubro de 2024.

1. Em ambos os livros do *Vamos todos morrer*, escreveste na *Introdução* que não pretendes criar um livro de História. Contudo, o rigor histórico dos teus programas parece intacto. A que se deve esta perspetiva? Pretendes separar deliberadamente a tua obra de uma disciplina de História que carrega uma aura séria e austera?

Ding: *Na verdade, essa insistência em separar o meu trabalho (quer na rádio, quer depois escrito em pedra nos livros) tem dois motivos. O primeiro, o respeito pelo trabalho científico de quem é historiador. O estudo da História é uma ciência, como o é a termodinâmica. Mas, ao contrário da termodinâmica, em que não passaria pela cabeça de ninguém que não fosse físico escrever um livro sobre o assunto, o mundo está cheio de livros de História escritos por pessoas que não têm formação em História. E é desse lado que o meu trabalho deve estar. Assim, fica o aviso à navegação. Não uso necessariamente um método científico, posso consultar fontes pop, ou escolher as que me interessam mais para contar uma boa história, etc. O segundo motivo, é*

*que me dá a liberdade menos rigorosa de ter opiniões, fazer extrapolações, dizer “acho que” ou “se não é verdade, convém que conste”.*

2. Outra questão endereçada na Introdução é a busca pela representatividade histórica. De que formas procuraste cumprir essa intenção nos programas?

Ding: *Tal como explico no prefácio do primeiro livro (e digo muitas vezes no programa), é quase impossível encontrar uma representatividade justa, porque a própria historiografia do lugar do mundo em que vivemos é muito pouco variada. Porém, nos mais de mil e duzentos programas à data em que estou a escrever, tento que existia o equilíbrio possível entre histórias de homens e mulheres, e de pessoas de todos os continentes. Ainda assim, as histórias dessas pessoas acabam por ser à volta justamente do tema da representatividade. Houve também um caminho nestes seis anos. Se nos primeiros dois, tentei construir uma “espinha dorsal” da História, com as figuras mais proeminentes — tendencialmente homens e europeus — nestes últimos anos tenho vindo a interessar-me sobretudo pelas figuras menos ou nada conhecidas. No caso português, mulheres pioneiras em muitas áreas diferentes, por exemplo. E, no caso do mundo, figuras e histórias de países fora da Europa. Sem esquecer outros grupos e identidades tradicionalmente ignorados.*

3. Descreve a tua relação pessoal e/ou académica com a História.

Ding: *Pessoal, é uma paixão de criança, alimentada por muitos adultos à minha volta, e nascida do fascínio que tenho pelo caminho que fizemos como espécie, de cima de um ramo de uma árvore ao topo da Torre Petronas em Kuala Lumpur. Nas biografias e na morte em particular, fascina-me olhar para aqueles que, no meio de muitos milhões que já passaram por cá, deixaram marca tal que, como escreveu o Camões, “se vão da lei da morte libertando”. Academicamente, frequentei o curso de História por um ano em duas vezes distintas. Deixei a meio por falta de tempo. Já tinha feito o mesmo, noutras alturas da vida, mas por falta de interesse, com o curso de Direito, o surf, o ténis e a numismática.*

4. Apresenta uma biografia do programa *Vamos todos morrer* (data do primeiro programa, número aproximado de programas emitidos, etc.).

Ding: *O programa estreou no dia 3 de abril de 2019, com o Aristides de Sousa Mendes. Hoje, dia 14 de outubro de 2024, foi para o ar o programa número 1220. É emitido de segunda a*

*sexta-feira às 8:30 na Antena 3. Pára apenas em agosto, para férias. Já foi feito com a Inês Lopes Gonçalves, a Ana Markl e o Luís Oliveira, depois com a Ana Markl e o Tiago Ribeiro, e atualmente com o Tiago Ribeiro. Nestes anos, houve apenas um episódio em que fizemos um especial no próprio dia da morte, da rainha Isabel II de Inglaterra. Mas também já fizemos de personagens de ficção, de animais, e até já matámos 1500 pessoas num só dia, a bordo do Titanic.*

5. O programa *Vamos todos morrer* acabou por encontrar novos formatos, como os dois livros e os espetáculos ao vivo. Sabes dizer aproximadamente quantos espetáculos ao vivo fizeste? O que acontecia exatamente nesses espetáculos? Além dos espetáculos e dos livros, o programa teve mais algum formato fora da rádio?

Ding: *A ideia do primeiro espetáculo foi apenas para o lançamento do primeiro livro, mas rapidamente percebemos que havia interesse da parte do público, e que acrescentava qualquer coisa, não era mais um programa de rádio ao vivo. Perdi a conta ao número de espetáculos, mas, durante dois anos, corremos Portugal de Norte a Sul e de Este a Oeste. Não haverá muitas cidades onde não tenhamos estado. A ideia era sempre a mesma, mas sempre diferente: levávamos três mortos, salvo seja, que estivessem ligados à cidade em questão. Tínhamos também sempre um convidado que tivesse a ver com a morte (fossem agentes funerários, biólogos ou médicos legistas), e música, alternadamente com o Benjamim, o Noiserv, a Lena d'Água ou a Selma Uamusse. Sozinho, e para um público mais restrito, faço edições especiais para empresas ou organizações, com mortos relacionados.*

6. Uma questão muito importante que gostaria de apurar prende-se com o impacto e as repercussões do programa (sei que as sugestões de nomes de falecidos para o programa tornaram-se habituais, por exemplo). Queria que me falasses sobre os diferentes tipos de repercussões que o programa desencadeou.

Ding: *Essa é a parte mais gratificante do trabalho, perceber que tem alguma relevância para quem ouve. Para além do público fiel, fomos descobrindo que é também ouvido por muitas crianças, no banco de trás dos carros a caminho da escola. E, às vezes, também na escola, pois o VTM é usado por bastantes professores. Depois, as mensagens que recebemos quando o morto é de uma determinada terra. É frequente recebermos mensagens de presidentes de juntas ou de*

*câmaras. De famílias inteiras que ouvem o episódio sobre o seu bisavô ou trisavô. De muitos portugueses que vivem fora (da Austrália à Argentina, da Arábia Saudita às Filipinas) e que nos dizem que o VTM é o seu momento diário de contacto com Portugal. Nestes anos, são muitas as histórias emotivas. E, claro, os episódios em que, mais do que uma biografia, falamos de empatia, de inclusão ou de uma história particularmente tocante. As reações mostram-nos que estamos alinhados com os nossos ouvintes.*

7. Ainda dentro do tema das repercussões, experienciaste alguma reação negativa ao programa, por estares a fazer humor com figuras históricas?

*Ding: Até agora, nunca. Confesso que não sou muito sensível ao tema das reações negativas. O que me interessa é perceber se o que resultado do meu trabalho tem alguma relevância para quem ouve. Faço o melhor que sei. Quem não gosta pode sempre pegar na ideia e fazer melhor ou diferente. Felizmente, hoje em dia não faltam meios à disposição. Que eu saiba, houve apenas uma queixa à provedora da RTP. Parece que eu disse num programa que os pastorinhos de Fátima estariam em cogumelos. A provedora respondeu que a frase estava dentro da minha liberdade de expressão e de opinião.*

8. Explica como fazes habitualmente a pesquisa para os programas.

*Ding: Cada programa de quinze minutos leva muitas horas a preparar. Primeiro, começo por escolher o morto. Tenho um excel com a lista dos que já fiz em cada dia e dos potenciais. Esses potenciais são escolhidos de três maneiras: nas listas de mortos de um determinado dia. De pessoas e histórias que vou apanhando em muitos lugares. Ou, no processo inverso, quando quero contar uma determinada história, procuro uma pessoa que sirva de pretexto. Com o morto escolhido, começo a pesquisa, que envolve muita leitura, muito cruzamento de informações. Nos mortos mais recentes, posso ler ou ver entrevistas, documentários, etc. E depois a escrita que, com a experiência, não leva muito tempo. E, por fim, a escolha da música para a trilha, o que faz toda a diferença no tom do episódio. Também aqui posso passar muito tempo à procura, ainda que já tenha uma bela playlist do VTM.*

9. Notei uma diferença entre as biografias do programa de rádio e do livro. Isto deve-se a uma maior preocupação com a História quando ela é impressa, ou simplesmente existem diálogos e interações que não transpõem tão bem para as páginas do livro?

Ding: *No livro, estão os textos que escrevo para cada episódio, que nunca são iguais ao que depois digo na rádio. Junto muitos apartes, e o humor, que nunca ou raramente é escrito. Na revisão para os livros, para além de adaptar o texto à leitura, aproveito para confirmar ou acrescentar alguma coisa.*

10. Dirias que os programas de rádio do *Vamos todos morrer* registaram alterações na sua construção e estrutura, ainda que ligeiras, ou a fórmula tem sido idêntica ao longo do tempo?

Ding: *Mudam as personagens, abordam-se outros temas, viaja-se para outros lugares, mas a fórmula é a mesma. Quer formalmente, quer na intenção do programa: aprender histórias e partilhá-las com os outros.*